

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

**ASSIGNATURA**

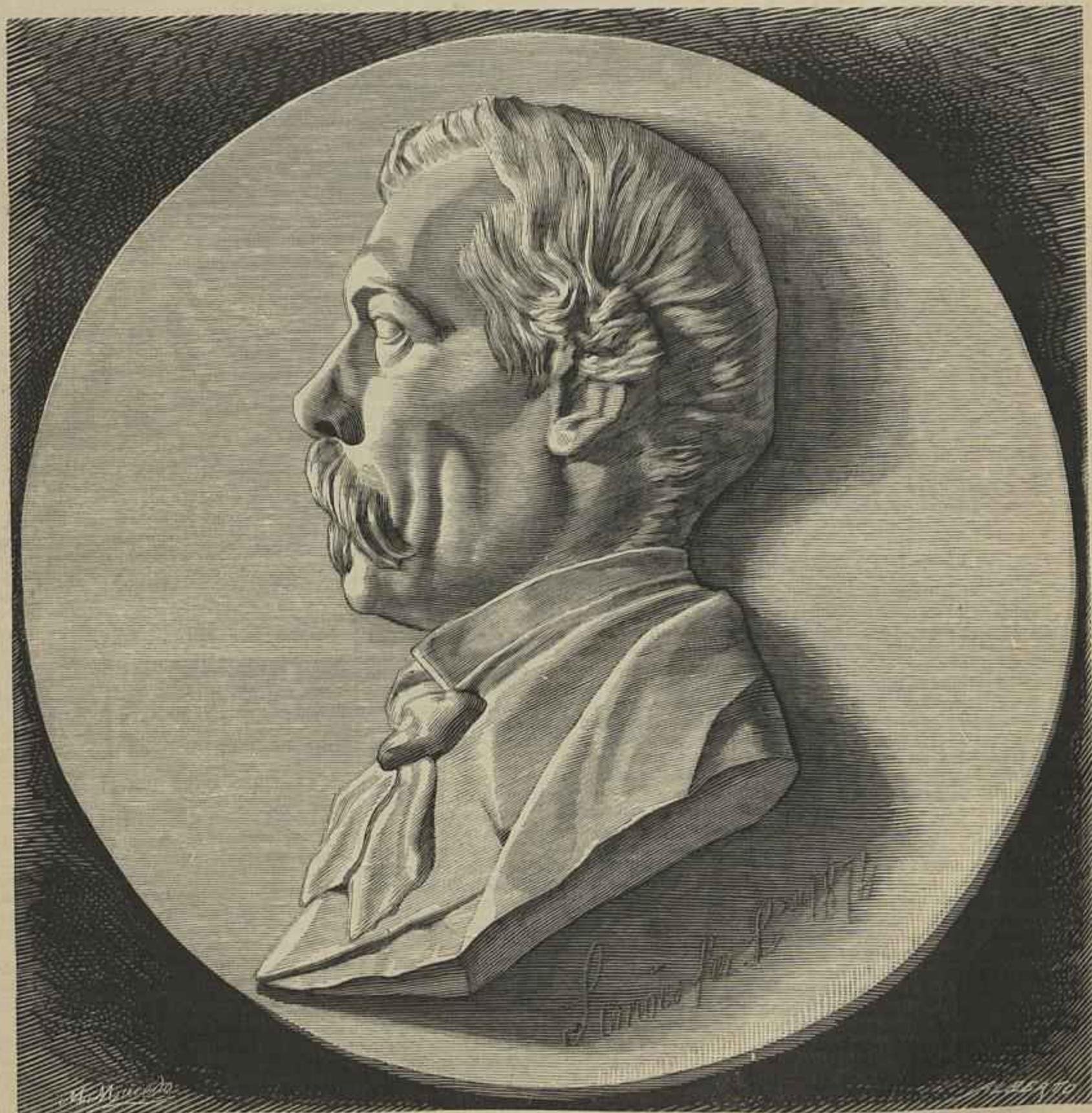
Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de parte
Anno ou 24 numeros .....	25000	Trimestre ou 6 numeros .... 6650
Semestre ou 12 numeros .....	13500	N.º avulso ou pago à entrega 6120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros .....	35000	Semestre ou 12 numeros .... 18500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 32

15 DE ABRIL 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.  
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



THOMAZ JOSÉ DA ANUNCIÇÃO — (Fallecido em 3 do corrente — (Desenhado do busto em gesso de Simões d'Almeida)

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Thomaz José da Anunciação, R. — Francisco Asenjo Barbieri, RUY DA CAMARA — Dedicatória, GUERRA JUCQUEIRO — O vapor *Hugh-Parry* ou a canhoneira *Guiné*, J. VIARNA — Damião de Góes, GRAÇA BARBETO — Hospital Portuguez e Real Sociedade Portugueza de Beneficencia 16 de Setembro na Bahia, J. B. — Actualidades scientificas, a lua será habitada? CAMILLO FLAMARION — Thomé Ronca, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Thomaz José da Anunciação — Extraviados do rebanho, quadro de Anunciação — O maestro Francisco Asenjo Barbieri — A nova canhoneira «Guiné» — Damião de Góes, fac-simile de uma gravura em cobre de Alberto Durer — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

A profunda *Babylonia junto ao mar* acaba de ver correr o veu do tempo ao som do hymno da Carta, abysmada n'aquelle extasi que é proprio tanto do que nasce em Lisboa como do que nasce em Mortagua.

Durante tres dias a capital passeou o seu fervor religioso, a pé, da Graça para o Loreto e da Encarnação para S. Nicolau, dividindo igualmente as suas atenções pelas *vitrines* do Baltresqui e pelo throno de S. Domingos, sendo difficil averiguar o que mais serias meditações lhe suggeriu; se a cadencia severa dos psalmos, se a elegancia exquisita das cartonagens.

No fim de contas, n'este doce commercio annual das almas, o que parece ter aproveitado mais foi o commercio das amendoas, a avaliar pelas pyramides d'este producto de velha crença — em assucar, consumidas tanto pelos estomagos livres pensadores como pelos estomagos catholicos.

É o caso de perguntar ainda uma vez como o poeta da *Morte de D. João*:

O exemplo da Paixão serviu só para isto?  
Levar a freguezia á porta dos doceiros  
E tornar um burguez commendador de Christo?

Em Lisboa pelo menos, a avaliar pelo recolhimento e pela contricção com que a turba corria ás igrejas, não me parece que na verdade sirva para muito mais. Faça-se entretanto justiça aos dignos mezarios e aos dignos logistas que não pouparam esforços nem fadigas para que os seus respectivos *estabelecimentos* ostentassem as galas proprias das solemnidades do dia.

E ainda bem que as folhas periodicas lhe souberam fazer justiça, confundindo no mesmo elogio o throno com trezentas aleofas da loja do sr. Coquejo, e o throno com trezentos lumes da igreja da Magdalena.

O que já envelheceu um pouco, diga-se de passagem, foi o terceiro d'aquelles tres versos que tive a impiedade de citar.

Hoje os que pretendem ser commendadores não trabalham por Nosso Senhor, trabalham simplesmente pelo sr. Rocha Peixoto.

Oh doce Nazareno! a tua aureola divina dardejia ainda hoje os mesmos resplendores que ha dezenove seculos, entretanto para obter uma graça do governo vale muito mais ter sahido eleito por um circulo do que ter expirado n'uma cruz!

Á vista do que, ousou condemnar por demasiadamente ingenuo aquelle aliás correto e engracadissimo verso do poeta.

— A musica da semana santa, os angelicos gorgeios dos meninos do coro, não fizeram esquecer antes lembraram o primeiro concerto Barbieri no salão da Trindade.

A proposito d'este concerto, varias considerações me occorrem. A imprensa elogiou-o devidamente com os adjectivos reclamados pelas circumstancias, mas pouca gente a acreditou, visto tractar-se de *musica classica*, pela qual entre nós se nutre uma especie de terror sagrado. Toda a gente a respeita e venera como uma cousa muito digna e muito massadora, mas ninguem a quer ouvir.

Ora a razão de tal descrença provém simplesmente da facilidade com que o noticiario portuguez esbanja os epithetos que devia reservar para as occasiões solemnes, aureolando com a mesma coroa d'adjectivos a fronte inspirada da sr.<sup>a</sup> Moriones e a da defunta Malibrán, e desfolhando no caminho do sr. Florencio Ferreira as mesmas flores que desfolharia no de Shakespeare.

Chega-se, portanto, a uma situação em que o noticiario se quer fazer ouvir dos chefes de familia prudentes e dos *dilettanti* desconfiados e ninguem dá ouvidos ao triste, que se esfalha, que se extenua sem encontrar na pyrothecnica grammatical novos fogos de vistas para lançar em honra do idolo recente.

Do primeiro concerto Barbieri, a chronica, sempre commodida e reservada nas suas exclamações, tem a dizer que elle lhe pareceu extraordinario não tanto pela qualidade da musica como pela habilidade do *maestro*. Barbieri chegando, encontrára um bando d'instrumentos indisciplinados. As rebecas professavam differentes opiniões que as traziam divididas entre si. Os clarinetes soltavam de quando em quando notas subversivas e ninguem sabia nunca qual era o pensamento dos oboés nem que doutrinas professava o rabecão grande. Barbieri em quatorze exercicios estabeleceu a ordem n'este cháos, e pôde affiançar-se que toda a musica que em Lisboa se tem ouvido até hoje é pouco mais ou menos uma musica de guerrilhas comparada com aquellas sobrias e graciosissimas melodias que um publico absorto ouviu pela vez primeira ha pouco mais de oito dias no salão da Trindade. Beethoven, Haydn e Mozart não tinham grande reputação na cidade: d'ora ávante a propria baixa tem de os considerar como tres musicos conspicuos e acreditados, que não fizeram o *Trovador* nem a valsa do *Beijo*, mas que em summa deixaram algumas obras que, de todo em todo, não devem merecer o desprezo dos pianos da cidade — infelizmente para ellas.

Barbieri fez pois um grande serviço á arte portugueza (deixem-me fallar assim para fingir que ella existe) demonstrando com exemplos que o genero *classico*, quando escripto por Mendelsson, é uma coisa muito diversa do que quando escripto por alguns dos eternos massadores que dormem no pó das bibliothecas.

Todo o horror á referida musica, entre nós, provinha especialmente da denominação. Supunha-se que Beethoven, por exemplo, não podia deixar d'haver tido por collaborador a José Daniel Rodrigues da Costa, esquecendo todos que nem por ser *classico* o estylo do padre Antonio Vieira deixa de ser tão sobrio e tão elegante, mesmo na accepção moderna da palavra, como o do sr. Christovam de Sá.

Emfim, Barbieri, indicou ao bom gosto publico portuguez o caminho que nos nossos dias vae dar aos abysmos de Berlioz aonde n'este momento parece querer sepultar-se o espirito francez. Resta simplesmente que o referido Bom Gosto se não arrependa, e que, em vez de se estabelecer definitivamente á beira da grande arte, volte para os arraiaes do *fado* que tanto tempo o trouxe captivo.

— A epocha está para os hymnos. Um hymno deixou de ser uma expressão do reconhecimento humano para ser unicamente um symptoma. Quando um circulo eleitoral, por exemplo, tem um desejo occulto, vem-lhe logo um hymno á superficie. Uma folha periodica ainda não ha muitos dias extrahi das ilhas adjacentes um dos referidos hymnos que principiava assim:

Exulta, Faya!, exulta!  
Terra formosa sem par,  
Tens Philippe de Carvalho  
Por teu Genio tutellar.

Quem havia de prever ha uns poucos de mezes, quando o sr. Philippe de Carvalho era apenas considerado apto para entrar nas commissões de fazenda, de legislação e outras, que o seu nome fosse tambem apto para entrar na redondilha na qualidade de Genio tutellar!

Nós pedimos-lhe um thesouro,  
Porio magno e bem seguro  
Que nos desse a industria, o ouro,  
Quadro exacto do futuro.

Exulta, Faya!, exulta!

E exultemos nós todos, com a fortuna! Se o hymno açorianno falla verdade, o sr. Philippe de Carvalho não é um deputado — é um semideos pelo ultramar!

— Os casos tristes entreteem-se sempre com os casos alegres, aqui especialmente aonde o sorriso doloroso do drama anda sempre tão perto da gargalhada aristhofanica da farça. Morreu Anunciação o notavel animalista, pintor d'uma grande consciencia e d'um notavel talento; um dos nossos perseverantes trabalhadores na arte, deixando uma grande copia de quadros que representam grande quantidade de talento despendido, um pouco tumultuariamente talvez, mas em todo o caso o sufficiente para determinar uma acentuada organização artistica.

Já é ao menos uma doce consolação poder morrer n'este meio esterilizador aonde o supremo talento do artista consiste, quasi, em conseguir... viver! Anunciação viveu pelos seus quadros e sobrevirá ainda por algumas d'essas pequeninas telas de animaes tão palpitantes de vida, tão repletas do sentimento da natureza!

— A chronica acabaria n'este momento d'uma forma pouco cortez se não tivesse uma palavra que assignalasse um facto que n'este momento domina o sentimento publico nacional; — a grave doença da sr. D. Maria Pia. Sua Magestade é bondosa, boa, affavel, e a sua figura serena, já agora, ficará recortada n'um fundo luminoso como uma das mais sympathicas da mesquinha galeria da nossa historia contemporanea. O sentimento publico tem pois razão d'esta vez.

As onze linhas que ficam escriptas podem desassombradamente ser assignadas por quem nunca escreveu versos nem prosas em homenagem a testas coroadas, e por quem detesta em especial, por banaes e mercantis, todas as lithographias, polkas mazurkas e dramas que a muza nacional nos ultimos dois annos tem produzido em louvor de Sua Magestade.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## THOMAZ JOSÉ DA ANNUNCIÇÃO

Com a morte da Anunciação a arte portugueza perdeu um dos seus mais distinctos, mais desvelados e mais conscienciosos cultores.

Pela força da vontade e da intelligencia, pela applicação e pelo estudo, o distincto pintor, nascido de paes humildes, conquistara um renome invejado e merecido, sabendo impor-se ao respeito dos seus concidadãos n'um meio atrofiante em que a arte e os artistas são de ordinario tão pouco comprehendidos e tão pouco apreciados.

Thomaz José da Anunciação nasceu na freguezia da Ajuda em 26 d'outubro de 1818, matriculando-se em 1837 na academia das Bellas Artes, fundada havia pouco tempo ainda. No curso de desenho obteve o primeiro premio em todos os quatro annos. Depois frequentou as aulas de pintura historica até 1844 em que sahio da Academia.

N'esse anno o conde Rakzinsky, ministro da Russia em Lisboa, que tanto se interessava pela arte portugueza, incumbiu a Anunciação a copia d'alguns dos quadros mais notaveis que encontrára em Portugal, e tão primorosamente se desempenhou d'esta incumbencia o moço pintor, que o conde de Rakzinsky pensou em o auxiliar n'uma viagem ao estrangeiro, a fim de estudar de perto os modelos dos grandes mestres, viagem que todayia não se realison.

No anno de 1848 Anunciação executava alguns quadros d'animaes que foram expostos ao publico e adquiridos por S. M. o Sr. D. Fernando. O verdadeiro caminho do artista estava indicado: ravelára-se a grande aptidão que o assignalaria na peninsula como professor na especialidade que na França, e na Inglaterra

tem feito a gloria de Cooper, Landseer, Roza Bonheur, Brascassat e de Troyon.

Em 1852 é Annunciação nomeado professor substituto da Academia, obtendo em 1857 a propriedade da cadeira de paisagem. D'ahi em diante, triumphando dos revezes da sorte, a gloria principia a sorrir-lhe. Animado pelo applauso publico desenvolve uma actividade febril. Na exposição do Porto obtem a medallia d'honra, na de Madrid a de prata, pelo seu bellissimo quadro *Extraviados do rebanho*, sendo consecutivamente condecorado com o habito de Christo, com o de S. Thiago e o de Carlos III de Hespanha, e elevado a director da galeria da Ajuda e a professor de Sua Magestade a Rainha.

Em Annunciação havia uma qualidade tão grande como a do talento; era a da modestia, uma modestia excessiva que se assemelhava a um desalento e a um desanimo no acanhado meio artistico em que exercitava as suas faculdades verdadeiramente notaveis.

Passam de 500 os quadros pintados por Annunciação e disseminados hoje por Portugal e pelo estrangeiro. Nesta grande massa de produção artista ha accumulada uma grande somma de talento.

Um biographo do grande pintor faz d'elle o seguinte retrato.

«Annunciação era um homem magro, secco, uma cara marcial, uns olhos muito vivos, uns bons olhos de artista, e ninguem via melhor em arte entre nós. Era um excellente homem, simples, extremamente sincero nas suas opiniões. Morria pelo campo e os mezes de ferias eram o seu encanto para ir para Cançoes aonde estudava a natureza na natureza, á grande luz do sol, no meio do bom ar das montanhas».

A carreira d'Annunciação pôde dividir-se em quatro phases distinctas. Na primeira sente-se a influencia franceza n'uma certa secura d'execução e na sua maneira de pintar um tanto opaca. Dotado, porém, d'elevado criterio artistico, o distincto pintor procurou bem depressa corrigir esse defeito e na phase seguinte nota-se nos seus quadros, ao contrario, grande preocupação da transparencia e certas demasias de claro escuro as quaes, diga-se de passagem, são aliás vulgares nos mestres d'aquella epocha. A influencia da escola flamenga e a preocupação do antigo dominam então visivelmente no estylo do artista.

Na terceira phase Annunciação libertando-se d'essas influencias, á força d'observação directa da natureza, e d'um trabalho assiduo, começa a manifestar uma individualidade mais accentuada. Datam d'essa epocha os seus dois bellos quadros a *Volta do trabalho* e a *Ida para o trabalho*. É talvez o typo mais completo d'essa evolução, na maneira do artista, o seu quadro a *Debulha*, que existe hoje na galeria d'um amador em Inglaterra.

Pouco depois de realizados estes trabalhos, Annunciação visitava a França, por occasião da grande exposição universal de 1867. Ahí, tendo visto de perto as obras dos grandes mestres na especialidade que professava e colhendo nos quadros de Palizzi e Troyon verdadeiras revelações, o artista firma decididamente o seu estylo e executa então as suas melhores obras entre as quaes se distinguem sempre os quadros d'ovelhas em que se podia considerar exímio.

A grande evolução na arte contemporanea preocupava sempre o pintor, e Annunciação dotado d'um verdadeiro espirito d'observação e d'um grande amor pelo estudo não nos tinha ainda certamente dito a ultima palavra, quando a morte o arrebatou infelizmente á arte contemporanea que no nosso paiz poucas phisonomias contava tão sympathicas e tão caracteristicas como a sua.

A auctoridade que lhe dava o seu character e o seu talento exercia entre os pintores portuguezes uma influencia benéfica que o tornava como que o patriarcha artistico em volta do qual se agrupava a pequena phalange que em Portugal professa o culto das Bellas Artes.

A nossa gravura da quarta pagina reproduz o seu quadro *Extraviados do rebanho* que obteve

um dos primeiros premios na exposição de Madrid de 1871, sendo reproduzido em varias illustrações hespanholas, e que infelizmente está também fóra do paiz figurando n'uma galeria ingleza.

R.

## FRANCISCO ASENJO BARBIERI

A visita a Lisboa d'este notavel compositor hespanhol porporciona ao Occidente o enseo d'illustrar as suas paginas com o retrato d'um dos maiores talentos musicaes e das individualidades mais caracteristicas do visinho reino.

A arte hespanhola deve a Barbieri relevantes serviços. Foi elle quem, por assim dizer, creou a zarzuela dando fórmulas definitivas á musica nacional, e conquistando desde 1851, com a representação do *Jugar con fuego* os foros de compositor celebre. A sua zarzuela *Pan y toros* pôde reputar-se uma obra prima. N'aquella musica palpita a alma da Hespanha, e será difficil n'uma obra d'arte interpretar melhor o character, o genio, e o espirito d'um povo.

Los *Comediantes de antano* é outro especimen do genero. Quem não tem escutado esta zarzuela, é outra tão encantadora como ella, *El barberillo de Lavapiés*, e comprehendido por um momento, o espirito da velha Hespanha, a Hespanha guerreira e feudal, a Hespanha das aventuras, a Hespanha epica e a Hespanha fradesca, de Calderon de la Barca e ao mesmo tempo de Pepe Hillo, de D. Quixote e de Sancho Pança, a Hespanha do *holero* e ao mesmo tempo do Santo Officio?

E depois uma infinidade d'outras zarzuelas aonde ha um dispendio prodigioso d'imaginação: *Los diamantes de la corona*, *Mis dos mujeres*, *El sargento Pedrico*, *El diablo en el poder*, *El Belampago*, *El secreto d'una dama*, *Un tesoro escondido*, *Robison*, *El tributo de las cien doncellas*, *Charizos y Polacos* e tantas outras na maior parte já applaudidas por todos nós, incluindo o *Proceso do Can-can* opereta ligeira escripta n'um momento de desfastio e que em Lisboa ainda ha pouco deu 80 representações consecutivas!

Barbieri conta hoje 36 annos e muito maior numero de composições notabilissimas. Começou a carreira em que lhe estavam reservados tão assignalados triumphos, por simples musico militar, alistando-se como primeiro clarinete no 5.º batalhão da melicia nacional com o soldo de tres reales por dia! Mais tarde acha-se elevado a corista, *partiquino* d'opera italiana, chegando em 1843 a cantar em Pamplona a parte de D. Basilio no *Barbeiro de Sevilla*, com grandes applausos. Depois, conquistando o seu terreno palmo a palmo, estudando sempre, educando o seu espirito, compulsando os methodos, aprendendo theorias, alcança a elevada posição que hoje occupa na arte do seu paiz, aonde é contado como socio de numero da Real Academia das Bellas Artes de S. Fernando de Madrid; pertencendo além d'isso á sociedade dos compositores de Paris, e a muitas outras corporações artisticas e litterarias da Hespanha e d'outras nações.

Possue tambem as Gran Cruzes de Isabel a Catholica e Maria Victoria e a Commenda de Carlos III.

Barbieri além de compositor é um litterato distincto. Tem a paixão das lettras e especialmente da bibliographia. Actualmente occupa-se na coordenação d'um *Cancioneiro* do seculo xv que deverá ser acompanhado dos trechos mais caracteristicos e mais selectos da musica da epocha.

Desde hoje, Barbieri, aos seus titulos pôde juntar um outro. Foi elle quem introduziu em Portugal o gosto pela musica classica. O primeiro concerto realizado no salão da Trindade no dia 6 do corrente mez sob a direcção do notavel *maestro* foi uma revelação, foi um assombro! Em quatorze ensaios minuciosos, aturados, pacientes, Barbieri fizera d'uma orchestra portugueza, d'uma orchestra afeita quando muito aos acompanhamentos da opera italiana, uma grande orchestra interprete da obra assombrosa de Beethoven! O publico que enchia a sala ficou absorto, e quando concluiu aquelle estupendo final da grande *Sinfonia em dó menor* do grande e *incommensuravel* compositor allemão, a sala em peso, subjugada, opprimida, arrebatada pelo poder do genio com que pela vez primeira communicava por intervenção de Barbieri, fez ao celebre compositor hespanhol a ovação mais espontanea e mais estrepitosa que depois de muitos annos se tem ouvido em Portugal.

Além d'um homem de genio Barbieri é um trabalhador incansavel, um character franco, um coração generoso e dedicado. Tem a paixão da arte, e é capaz de tudo sacrificar a este culto.

Eis a traços largos a phisonomia do grande musico e inimitavel compositor que Lisboa acaba d'applaudir como o merece uma das mais poderosas individualidades artisticas que tem visitado o nosso paiz.

RUY DA CAMARA.

## DEDICATORIA

Recordam-se vocês do bom tempo d'out'ora,  
D'um tempo que passou e que não volta mais,  
Quando iam a rir pela existencia fóra  
Alegres, como em junho os bandos dos pardaes?  
Crava-nos a fronte um diadema d'aurora,  
E o nosso coração vestido de esplendor  
Era um divino abri radiante, onde as abelhas  
Vinham sugar o mel na balsamina em flor.  
Que doiradas canções nossas bôcas vermelhas  
Não lançaram então perdidias pelo ar,  
Mil chimeras, glória e mil sonhos dispersos,  
Canções feitas em versos,  
E que nós nunca mais havemos de cantar!

Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esperanças  
São aureos colibris das regiões da alvorada,  
Que escolhem para o ninho os peitos das creanças.  
E quando a neve cae já sobre a nossa estrada,  
E quando o inverno chega á nossa alma, então  
Os pobres colibris, coitados, sentem frio,  
E deixam-nos a nós o coração vazio  
Para fazer o ninho em outro coração.  
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cumulo,  
Quando cantam em nós essas canções e-lestes;  
A sua aurora é o berço, e o seu occaso é o tumulo:  
Ergue-se entre os rosas e expira entre os ciprestes.  
Por isso, quando o sol da vida já declina,  
Mostrand'os ao longe as sombras do poente,  
É-nos doce parar na encosta da colina  
E volver para traz o nosso olhar plangente,  
Para traz, para traz, para os tempos remotos  
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,  
Porque, ai! a juventude é como a flor de lotus,  
Que em cem annos floresce apenas uma vez.

E como o novo triste a quem morreu a amante,  
E que ao se-pelchiro vai com suas mãos piedosas  
Sobre um amor eterno — o amor d'um só instante —  
Deixar uma saudade e uma c'róa de rosas;  
Assim, amigos meus, eu vou sobre um thesoiro,  
Sobre o estreito caixão pequenino, infantil  
Da nossa mocidade, a cotovia d'ouro  
Que nasceu e morreu n'uma manhã d'abril,  
Desprender, desf'har estas canções sem nexo  
Estas pobres canções, tão simples, tão banaes,  
Mas onde existe ainda um patido reflexo  
Do tempo que passou, e que não volta mais.

Dezembro de 1878.

GUERRA JUNQUEIRO.

## O VAPOR «HUGH-PARRY»

ou

A CANHONEIRA «GUINÉ»

É pequeno este barco, mas já longa a sua historia. Contal-a-hemos, em poucas palavras, dispensando os leitores, da *questão politica* e de certas minuciosidades improprias d'esta Revista.

Navegava entre Setubal e Alcacer, subsidiado pelo governo, o vapor *Hugh-Parry* vendendo em pouco mais de tres horas essa distancia, duplicada pela viagem de regresso do barco. Corria noticia do desastre de Bolór, da vingança do *Jafunco* e da peça *acrobata* de um velho hiate quando se sentio, em Lisboa, a falta de um vapor e de algumas lanchas nas condições de enviar á Guiné, para metralhar os assassinos dos soldados portuguezes, mortos a machado com os 60 da *ordem* na cartucheira!

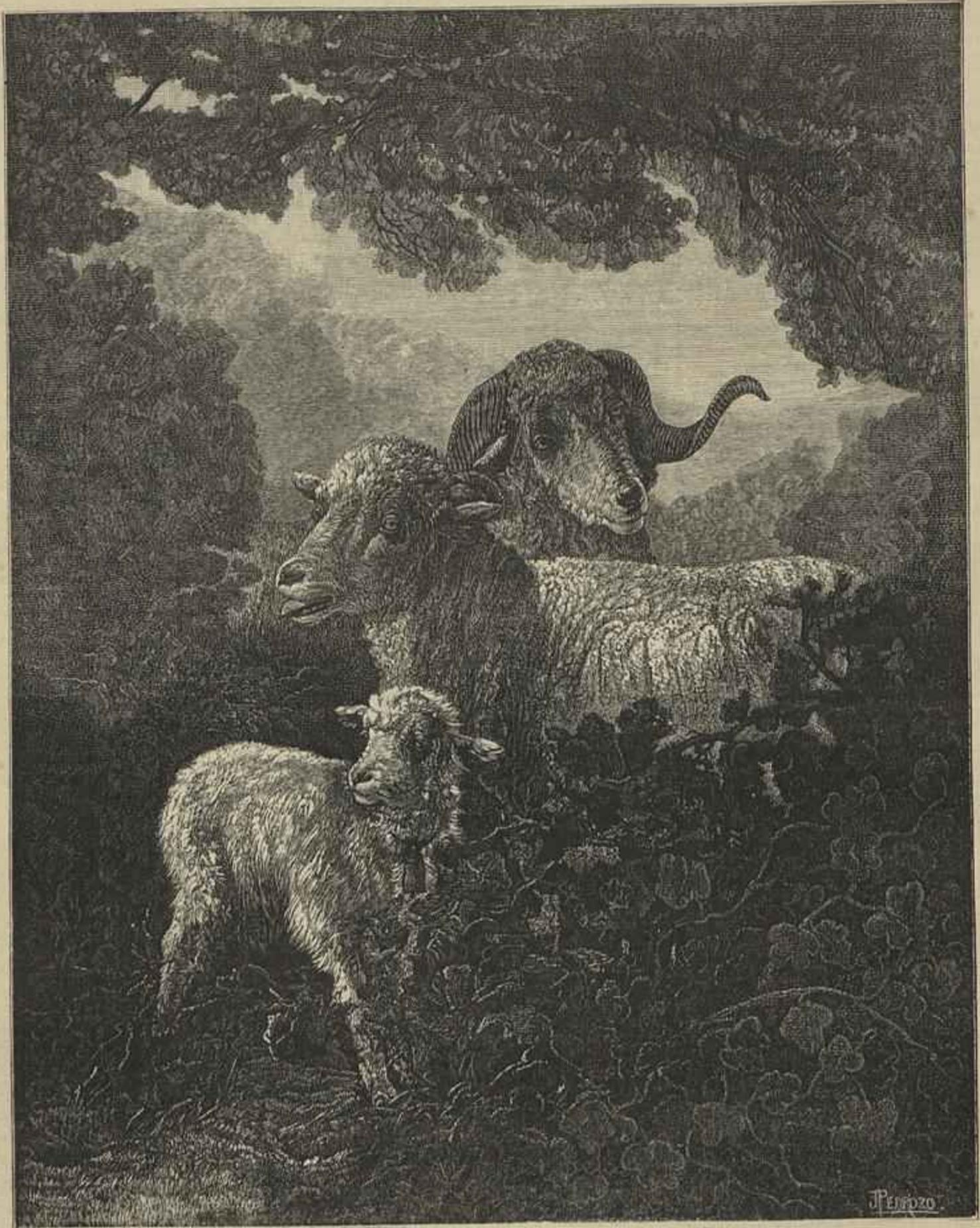
Deitaram-se vistas para os rebocadores *Norte* e *Operario*, vieram a lume *Sena*, *Tele* e *Silva Americano*, estudaram-se as sinuosidades dos rios de Geba e de Farim; e alguém lembrou o *Hugh Parry*.

Sem perda de tempo partiu a commissão de peritos para Setubal e, reconhecida que foi a boa conservação do navio, mandou a auctoridade superior do ministerio da marinha que elle entrasse no dique do arsenal para ser completamente vistoriado e feita avaliação pela mestrança. Ainda não havia surgido nas aguas do Tejo nem mudado de nome e...

«Já o rouco clangor da horrenda e brava  
«Turba nos leves ares se estendia!»

1 Esta poesia pertence ao volume no prelo a *Musa em Versos* editado pela empresa das *Letras Romanticas*.

## BELLAS-ARTES



EXTRAVIADOS DO REBANHO (Quadro de Anunciação, premiado na exposição de Madrid em 1871)

Muitos fallavam no barco e poucos embarcavam n'elle para o ver de perto e á vontade, parecendo-se assim com certos criticos que julgam das publicações litterarias, que não leram, pelo grau de sympathia que lhes merece o author. Seguem a opinião de Montaigne: «o melhor e mais agradável traveseiro para descansar uma cabeça bem feita, é a ignorancia e a falta de curiosidade.»

Emfim desenvolveu-se com rapidez uma *guinésite*, que durou mais dos *tres dias da tabella* para os grandes acontecimentos! Felizmente, no meio do grande vozear houve algum chiste, com traços e colorido *offenbachianos*, para distração dos lisboetas mais misanthrópos.

Passaram-se 48 horas a ajustar o preço do *Hugh-Parry*, querendo o seu proprietario 22:500\$000 réis e desejando o ministro obtel-o por somma inferior, não excedendo a 21 contos, o que só conseguiu auxiliando-se do superintendente do arsenal maritimo, cujo espirito economico tentou rebaixar — consoante o dizer do sr. Parry — a *industria nacional em ferro*, porfiando n'uma redução de 500\$000 réis. Não obstante o seu serviço em favor do thesouro, não logrou satisfazer todas as consciencias. Não é porém caso para se maguar s. ex. com este phantastico *Latet anguis*. As vozes populares variam de um dia para outro quando lhes falta o convencimento da verdade para constituir opinião publica.

Entregue pois, o vapor aos



O MAESTRO FRANCISCO ASENJO BARBIERI

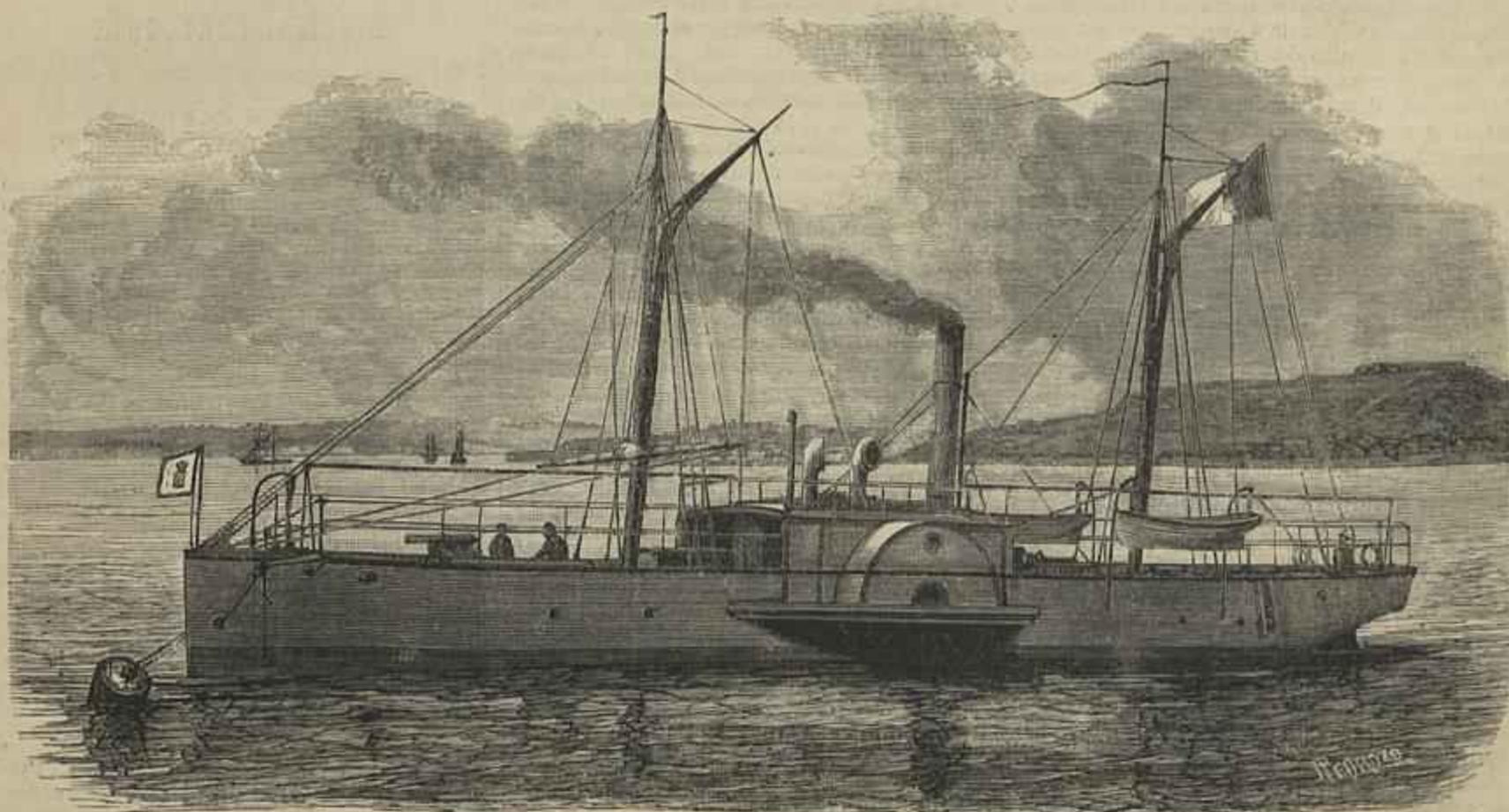
(Segundo uma photographia de Filon)

operarios do arsenal sob a direcção dos engenheiros Julio de Vasconcellos Corrêa e Antonio Maria Martins, encarregados de o apropriar para o fim a que foi destinado, resta descrevel-o para complemento d'esta noticia.

Construído de ferro e sem ter duas prôas possui dois lemas, com os quaes se governa igualmente andando com a machina para vante ou para ré. Mede 34<sup>m</sup>,736 no comprimento; 4<sup>m</sup>,876 na maior largura; 2<sup>m</sup>,836 de pontal, sendo o calado d'agua media 1<sup>m</sup>,012. A machina, de baixa pressão, tem a força effectiva de 200 cavallos, é de construcção simples e dá movimento ao propulsor — rodas articuladas — durante 6 dias, para uma velocidade media de 8 1/4 milhas por hora, com o combustivel dos *bankers*.

O armamento são dois rodízios de 0<sup>m</sup>,08 sendo uma das peças de *campanha* avante e outra de *montanha* a ré. Proximo da pópa tem o paiol da polvora com todas as condições de segurança. Segue-se-lhe um paiol de mantimentos com escotilha propria e os arranjos necessarios para arrecadação de generos.

No salão de ré fizeram-se dois camarotes para o 1.º e 2.º commandantes. Ao longo das amuradas correm dois beliches por banda, assentes sobre caixões para arrumação de diversos objectos. Ao fundo ha uma despensa com as commodidades para guardar o rancho dos officiaes do navio. A casa da machina está sufficientemente ventilada, tendo o motor e a cal-



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A NOVA CANHONEIRA «GUINÉ», ADQUIRIDA ULTIMAMENTE PELO GOVERNO

(Segundo uma photographia de P. Rocchini.)

deira sido completamente revistados. Tres compartimentos estanques dividem o casco. No salão de vante encontram-se dois camarotes, sendo um destinado ao engenheiro machinista e outro ao mestre do navio. A meio d'esse espaço ha os tanques d'aguada com provimento para dez dias. Um distillador garante maior porção d'agua. A bombordo e a estibordo do salão correm caixões para deposito de diversos artigos, podendo sobre elles dormir a marinhagem. Avante abre-se uma porta que dá serventia para o alojamento do pessoal da machina, tendo dez beliches e a ventilação, por essa porta, por duas vigias no costado e por uma escotilha. O paiol da bala é no porão de ré e proximo da casa da machina.

Sobre a caixa das rodas corre um baileu, no qual abrem dois escotilhões para arejamento da casa da machina e dois ventiladores de ferro. Estão ahí a roda do leme, a bitacula, o tubo acustico e os pharoes de navegação. Uma varanda de ferro defende o pessoal que tem de estar de vigia. A ré e a vante da caixa das rodas correm toldos abarracados para abrigo das soalheiras d'África. Dois escaleres, salvavidas, estão ligados nos competentes turcos de ferro. A cosinha é sob o baileu. A estibordo da caixa das rodas ha dois reletes; a bombordo tina para banho e arrecadação de objectos da limpeza do navio. Nos seus mastros, munidos de pára-raios, envergam dois latinos. No do traquete cruza o redondo, tendo no estay a vela triangular d'esse nome. A ventilação em geral é muito regular.

Para defesa do pessoal, tanto da agua salgada como da espingarda do preto, tem o *Guiné* uma borda de ferro suplementar, que lhe dá a apparencia d'um couraçado... em projecto.

Consta de 23 homens a lotação; todos embarcados voluntariamente!

Agora a gravura representando a canhoneira na sua linha d'agua carregada, abastecida e prompta para sair de barra fóra. Vae acompanhada a corveta *Bartholomeu Dias* durante uma parte da derrota sobre o *Atlantico*, não porque o desejem — commandante e immediato — o tenente Azevedo Gomes e o guarda-marinha Miguel Rosa; mas, porque assim o aconselha a prudencia, especialmente tratando-se de fazer balouçar sobre o dorso do oceano um barquinho da navegação fluvial. Parece que irá aos archipelagos da Madeira e Canarias, seguindo d'este para a Gorée.

O rumo paralelo á terra africana, com quanto mais curto na distancia a vencer, tem por desfavoravel a opinião dos roteiros, a abundancia de dunas a recortar a linha de costa, a força da corrente desviando do caminho, e o aparelhado das agnas. É muito perigo para uma fraca embarcação.

Terminando, desejamos aos nossos camaradas uma *maré de rosas* até Cacheu, para que se não façam esperar d'ali as suas noticias.

J. VIANNA.

## DAMIÃO DE GOES

FAC-SIMILE DE UMA GRAVURA EM COBRE

De Alberto Dürer

O retrato de Damião de Goes, que hoje apresentamos aos leitores, é duplamente interessante; por ser o mais antigo dos conhecidos, e pelo nome do celebre artista que lhe anda vinculado. A sua raridade é grande, pois damos apenas relação de dois exemplares, um que possuímos nós, e outro junto por algum colleccionador curioso a um dos opusculos latinos de Goes, guardado hoje entre os reservados da bibliotheca publica de Lisboa: porventura este colleccionador seria o hollandez Van-Hulthem, a quem o volume pertenceu. Da existencia de ambos fizemos denuncia em janeiro de 1877 ao sr. Joaquim de Vasconcellos, do Porto, que depois deu a novidade ao publico, a pag. 145 do seu opusculo sobre Dürer. Julgamos contudo haver menção d'esta estampa

em catalogo estrangeiro, ou n'outro lugar, pois d'isso nos affiançou o nosso desditoso amigo Pedro José da Silva, homem grave a todos os respeito, e muito entendido e sabedor de relações estrangeiras com respeito ás cousas e homens do nosso paiz; elle porém nunca a vira, e esquecera-se da precedencia d'esta tradição vaga que conservava: talvez fosse na incompleta *Bibliothèque curieuse*, de Clément, que ainda não podemos consultar por ser rara, e não existir nas nossas livrarias publicas, mas onde sabemos, pela informação de Ferdinand Denis, que está exarado um curioso artigo sobre Goes, devido principalmente ás informações do cavalheiro de Oliveira.

Não comportam as dimensões d'esta folha uma biographia de Goes: os que a desejarem, consultarão outras publicações como o *Panorama*, o *Archivo Pittoresco*, os *Retratos de varões e donas*, e especialmente a monographia de Lopes de Mendonça; restringimo-nos pois ao mais conveniente, citando algumas especies novas, ou menos conhecidas.

Havendo entendido sempre que, tanto a biographia de Goes como a de outros escriptores nossos do seculo XVI, e bem assim toda a nossa historia litteraria d'aquelle seculo, ficariam incompletas, enquanto se não determinasse bem a corrente das relações com o estrangeiro, tão florentes então, colligimos de tempo, para a historia d'ellas, todos os subsidios e documentos com que fomos deparando, quer em os nossos archivos, quer nas publicações coevas, raras a maioria das vezes. Esta serie de apontamentos, tal como a podemos grangear até hoje, a pouco mais avulta do numero de cem, se tanto, todos elles no emtanto curiosos; dal-hemos talvez ainda este anno á luz, se antes d'isso algum atravessador, maravilhado do exposto, não cubiçar ser o primeiro, procurando por toda a sorte estes, ou outros dados que julgue semelhantes; faça-o embora e melhor que nós, e n'isso lograrão todos. Enquanto porém não o fazem outros, da serie citada extrahimos breves summarios do concernente a Goes.

Sabem todos os estudiosos a influencia de Erasmo sobre Damião, o que ignoram por certo é o alcance reciproco e respeitoso das relações de ambos, e que tom punha o auctor do *Elogio da loucura*, severo e grave com o proprio Lutero, ao tratar com este mancho maravilhoso; porventura o que desconhecem é qual foi a importancia do seu trato com os principes da igreja, e com os mais distinctos humanistas da Renascença; tudo agora avaliarão pelo extracto da correspondencia de todos, parte d'ella publicada com desvanecimento pelo proprio Damião em 1544 na officina de Rescio, de que por enquanto conhecemos só tres exemplares, e parte esparsa n'outras colleções epistolares que consultámos: d'aqui resultará maior luz sobre a pessoa do nosso historiador.

A primeira cousa ignorada é quem dirigiu a educação de Goes no estrangeiro: sabel-o-ha quem puder consultar um pequeno opusculo de Erasmo, impresso em Lovaina no anno de 1544, contendo uns quadros synopticos de rhetorica, escriptos para uso de um nobre portuguez. O mais curioso é que este opusculo nunca foi impresso nas grandes colleções de Erasmo; apenas conhecemos o exemplar que temos presente, e menção d'elle só a vimos até hoje n'um bibliographo flamengo dos fins do seculo passado; não admirará isto se lermos com attenção a carta que precede o opusculo. Guilherme Bernato, de Thielt na Flandres occidental (*Tiétanus*), escreve a Damião do collegio Castrense aos 8 de agosto de 1544, participando-lhe que, havendo sido encarregado do ensino da dialectica n'aquelle collegio pelo reitor João Mevio, ponderando a comprehensão dos seus alumnos e outros motivos, hesitara no compendio que deveria adoptar, até que um dia Rogeiro Rescio lhe mostrou na sua typographia varias cartas escriptas por varões doutos a elle Damião, e n'um livro, entre as de Erasmo, uns quadros synopticos de rhetorica, compostos em outro tempo expressamente por aquelle professor para uso de Damião (*tandem*

*magni illius Erasmi manu descriptum librum protulisset, in quo praeter variis ipsius ad te literas, tabulae quoque in artem rhetoricam incrant, in tuum unius usum olim ab eodem conscriptae*); agradára-lhe a sua concisão e clareza a ponto de convidar Rescio para a impressão, não devendo esconder-se aquelle thesouro, especialmente n'um tempo em que não apparecia compendio sufficiente nas escolas (*hoc praesertim tempore, quo nulla rhetorices methodus scholis apta satis extat*); incitára-o igualmente a conseguir de Damião a licença necessaria, ao que o outro retorquirá que, ainda obtida esta, do que não duvidava, obstava contudo uma carta de Erasmo, que prohibia a vulgarização d'estas folhas; termina a carta, pedindo a impressão com o empenho de Rescio e o assentimento dos dois (Erasmo e Damião), para que as taboas formuladas para o estudo privado de Goes, podessem aproveitar em utilidade commum (*curavimus Rescio benigne adjuvante, quod magni illius Erasmi pace tuoque permisso fiat, has tabulas in communem omnium utilitatem formulis excudi, ut quae privatis tuis studiis hactenus fuerant dedicatae, nunc omnium studiis publice consecrentur*).

A raridade do opusculo determina bem que elle nunca se vulgarizou na Belgica, nem ainda nos gymnasios allemães. Erasmo consentiria na impressão, senão com difficuldade, ao menos conditionalmente, e a tiragem não excederia a expectativa do consumo provavel dos alumnos do collegio Castrense. Esta supposição adquire um certo valor, se attendermos a que o typographo Rogeiro Rescio, que o editou, era intimo de Erasmo com quem se correspondia, intimo de Damião, cujas cartas guardava, cujos opusculos imprimia, e por quem é citado nos depoimentos feitos á inquisição; e, ao que se deduz da carta que extractámos, intimo igualmente de Bernato, de quem além d'isso era collega como professor de lingua grega no collegio trilingue de Lovaina; a cendencia condicional de Erasmo, sem entregar a uma publicidade absoluta o compendio, satisfazia o pedido de dois amigos, e realisava os desejos ardentemente manifestados pelo collegio de um d'elles, que porventura não lhe era igualmente extranho, se bem que d'isso não reste vestigio conhecido.

(Continua)

J. A. DA GRAÇA BARRETO.

## HOSPITAL PORTUGUEZ

E Real Sociedade Portuguesa de Beneficencia 16 de Setembro

NA CIDADE DA BAHIA

(Conclusão)

Em vista da não acceitação da direcção tantas vezes recelida, procedeu-se a nova eleição, recahindo esta nos srs. José Caetano Ferreira Espinheiro, Joaquim Lopes da Motta Guimarães, Mamede Amaro Lopes, Manuel Ferreira da Costa, José da Silva e Souza, Antonio Joaquim da Silva Bastos, Manuel Antonio d'Andrade, Manuel José Bastos e Antonio Correia Villarinho.

Esta direcção proseguiu no caminho encetado pela anterior, e para não aggravar as forças pecuniarias da Associação, resolveram fazer á sua custa toda a despesa do Hospital, durante a sua gerencia, bem assim as despesas com o augmento e melhoramento do edificio e terreno adjacente, acção bisarra que já precedentemente havia sido praticada pelo sr. Manuel Francisco d'Almeida Brandão. Registamos estes factos sem lhe acrescentar commentarios de nenhuma especie, porque estamos convencidos que quem pratica taes actos, está elogiado por elle.

Continuou depois a sociedade a sua vida prospera e proveitosa, o que não era difficil de prever com taes direcções. — As que se foram seguindo, rivalizando de abnegação e dedicação, continuaram a obra das suas predecessoras, melhorando o edificio e arredores e acudindo aos cuidados de caridade para que ella foi instituida.

Apresenta-se hoje o edificio com toda a pompa e ornato, os terrenos comprados para logradouro publico desdobram-se n'uma bella e espaçosa praça que o defronta — dita — Praça de Bragança, e os arredores todos bem calçados; — sendo este um monumento digno da cidade, e muito mais da sociedade que o erigiu.

Esta sociedade de benemeritos que, na orientação e primor com que ao receber a infausta noticia do falle-

cimento de D. Pedro V, procedeu a sollemnes exequias por sua alma, na igreja dos Capuchinhos italianos, onde celebrou o ex.<sup>mo</sup> e revd.<sup>mo</sup> primaz, não podia deixar de continuar a pratica da caridade, para cujo fim foi instituida, prestando ainda no seu titulo homenagens áquelle monarchia.

Assim tem augmentado o hospital, que conta hoje tres enfermarias sob a invocação de S. José, Santa Isabel e Santo Antonio com 17 camas ao todo, sendo porém susceptivel de augmento se necessario fór, havendo além d'isso mais seis quartos particulares para pensionistas; tem com truido mais uma casa para os empregados do hospital no que se dispendeu 3:200\$000 réis — e tendo pago até dezembro do anno passado, um débito de 8:000\$000 réis, sem prejuizo dos soccorros aos socios.

O patrimonio social que em 1859, data da fusão das duas sociedades, era de 5:535:100 réis, achava-se hoje elevado á quantia de 334:764\$327 réis!

A receita da sociedade que em 1860 foi de 3:625\$980 réis, foi em 1877 de 27:811\$975 réis tendo havido annos como em 1867, 69, 70, 74 nos quaes excedeu a 40 contos, em 1873 que orçou por perto de 50 contos e em 1872 que foi de 60:645\$825 réis!

As despesas no mesmo periodo com o custeamento do hospital, empregados etc. sobem a cerca de 445 contos.

As despesas com a construcção do hospital, reparos, augmentos, accessorios, terraplenagens, regularisação de terrenos, calçamento, plantações de arvores etc. etc. montam já a avultada somma de 183:886\$788 réis.

Os soccorros distribuidos desde 1860 até ao fim de 1877 tem sido os seguintes: a socios fóra do hospital 82:040\$158 réis, a individuos não socios 11:607\$660 réis, e no hospital 58:194\$419 réis, o que somado mostra uma distribuição de soccorros de 151:812\$137 réis.

Tem pois sido a receita geral no onze annos referidos 593:635\$986 réis e a despesa total 451:043\$737 réis.

O numero de socios que era de 314 em 1859 quando se organisou a sociedade, e que no anno de 1867 chegou a ser de 1358, era no fim do anno de 1877, a que se referem as nossas informações, de 1136. Com este numero de socios, assim mesmo espanta-nos o que se tem feito.

Tudo isto tem explicação na abnegação e dedicação dos corpos gerentes, e na boa vontade de todos os socios. Cita-se como um dos individuos mais benemeritos, entre os muitos benemeritos o sr. Manuel José Bastos.

Não temos a honra de conhecer nenhum dos individuos que tão bom uso tem feito dos meios que a Providencia por á sua disposição, mas em nome de todos os necessitados e desvalidos lhes damos um pequeno testemunho de reconhecimento dos bons portuguezes; e dando ao nosso amigo dr. Daniel os agradecimentos pela sua prestadia intervenção, fazemos votos pela prosperidade das instituições de beneficencia de que acabamos de nos occupar.

J. B.

## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

### A LUA SERÁ HABITADA?

(Continuação)

Os astrónomos que mais se tem occupado de photographia lunar são de opinião que a côr carregada das manchas denominadas mares, côr tão pouco photogenica que apenas impressiona a placa sensivel, de maneira que é preciso muito mais tempo de pose para photographar as regiões sombrias do que as regiões claras, deve ser motivada por uma absorpção vegetal. Esta mancha esverdeada do mar da Serenidade varia ligeiramente, e algumas vezes apresenta-se até muito accentuada. O mar das Humidades apresenta a mesma cor, rodeado d'uma estreita orla cinzenta. Os mares da Fecundidade, do Nectar, dos Nevoeiros não apresentam este aspecto, e permanecem quasi incolores, em quanto que certos pontos affectam um tom amarelado, como por exemplo a cratera Lichtenberg e o patano da Somnolencia. Provém isto da côr dos proprios terrenos, ou serão estas manchas produzidas por vegetaes? Coisa singular; existem na lua vales e planicies que mudam de côr com a elevação gradual do sol. Assim, a arena do grande e admiravel circulo de Platão assombra-se á medida que o sol brilha mais, o que parece contrario a todos os effeitos d'optica imaginaveis. Depois da lua cheia, epocha que representa o meado do estio para esta longitude lunar, a superficie apparece no telescopio mais carregada que nenhum outro ponto do disco lunar. Ha 99 probabilidades contra 1, de que não é a luz que produz semelhante effeito, e sim o calor solar, que não se leva sufficientemente em conta ao tratar-se das modificações das côres, observadas na lua, apesar d'ella estar tão intimamente ligada como a luz á acção do sol. É muito provavel que esta mudança periodica de côr da planura circular de Platão, visivel todos os me-

zes para o observador cuidadoso, seja devida a uma modificação de natureza vegetal, originada pela temperatura. A região do noroeste d'Hyginus, de que temos já fallado a proposito do novo vulcão, apresenta variações analogas. Observam-se tambem na vasta planura baptisada com o nome d'Affonso, tres manchas que surgem pallidas, ao amanhecer, da noite lunar, escurecendo á medida que o sol se levanta e tornando-se outra vez pallidas á tarde ao pôr do sol.

(Continúa.)

CAMILLO FLAMARION.

## TYPOS DA MINHA TERRA

### O THOMÉ RONCA

(Conclusão)

N'uma noite entrou elle n'uma taberna, em Ilhavo, para beber meio quartilho. Na taberna estavam uns oito ou nove pescadores da companhia do Gallo, que andava em rivaldades com a companhia Nova, de que o Ronca era arraes. O Thomé Ronca conheceu o perigo da situação, mas avançou tranquillamente para o mostrador da taberna pedindo meio quartilho. Entre os circumstantes estabeleceu-se um silencio ameaçador, cortado apenas por alguns monosyllabos duvidosos e aggressivos. A taberneira percebeu tambem o perigo, empallideceu e ficou sem coragem para ir tirar o vinho.

— Então você fica-se ahí pasmada, tia Maria? Dê-me cá meio quartilho, com um raio de diabos, praguejou o Ronca, senão tiro-o eu da barriga a estes bebados que você aqui tem.

A esta provocação os assistentes ergueram-se ameaçadores e um d'elles foi fechar a porta da taberna, para allí esfaquearem o arraes. Este deu um salto de gamo para a porta, agarrou no homem que a fechára e atirou com elle como uma pelle por cima do mostrador contra as pipas, tirou a chave da porta, mettu-a no bolso, sacou d'alli uma navalha, que deu tres estalos ameaçadores ao abrir-se e disse a sorrir-se como uma hyena para o grupo:

— Agora é que se vae ver quem são os homens. Vocês saem d'aquí quando me tirarem a chave do bolso, ou saio eu sóinho depois de os deixar ahí estendidos n'esse chão, cosidos a facadas. Vamos a isto.

E á luz um pouco baça e oscillante da candeia, a navalha scintillava-lhe na mão direita, fria, hirta e ameaçadora como a lingua d'uma serpente.

Os da taberna pediram misericordia, assegurando ao arraes que ninguem lhe queria fazer mal.

— Então para que fecharam a porta?... Ora fiquem sabendo que não são vocês que brincam comigo e que a primeira vez que tornem a perder-me o respeito eu migo-os a facadas, como quem miga sallada.

E saiu pela porta fóra tão tranquillo e direito como tinha entrado.

Esta natureza heroica e brutal tinha porém um domador; era a mulher, uma d'aquellas formosas mulheres d'Ilhavo, levemente morena, de cabellos pretos, olhos escuros e doces, dengosa e meiga e tendo na voz, avelludada e clara, aquellas entonações rythmicas peculiares a quasi todas as bellas populações da nossa costa maritima.

O arraes sentia pela mulher um d'estes amores, que o povo chama *cegueiras*, e que são com effeito a fascinação de todos os sentidos. A mulher, como todas as mulheres, tinha a consciencia d'este amor do marido e sentindo-se como envolvida na atmosphera protectora de uma paixão ampla e profunda, possuia a alegria communicativa e luminosa que nós dá a plenitude da vida.

Nos poucos dias que o mar ou o trabalho da companhia lhe permittiam ficar em casa o Thomé Ronca não consentia á mulher o minimo serviço. Era elle que lhe accendia o lume, que lhe rachava a lenha, que lhe ia buscar a agua á fonte e que lhe cosinhava a caldeirada. A mulher limitava-se a varrer a casa e a ra-

lhar com fingida indignação com o marido por elle se intrometer n'estas cousas, que não eram da sua conta.

— Ora sempre és bem confiado, dizia a mulher ao arraes tentando inutilmente tirar-lhe a caldeira das mãos. Quem vir isto ha de dizer que eu sou uma *mariala*, que até preciso que o homem me faça o comer. Vae-te d'aquí!

— Chama ahí a visinhança a ver se tu e toda ella são capazes de me tirar a caldeira d'esta mão. Vae fiar na roca, que para pouco mais tens força. Olha, a areinha. Arreda-te d'aquí, senão metto-te dentro da caldeira e cosinho-te para o jantar como quem cosinha um carapau.

Havia porém uma pequena nuvem no céu azul d'esta tranquilla felicidade domestica, nuvem que as circumstancias converteram em cerração e mais tarde em temporal desfeito. O arraes, ao contrario do que se dá na maioria dos homens do mar, tinha pelas cousas da religião uma indifferença olympica e por vezes aggressiva. Não ia á missa nem se confessava; e quando por acaso a mulher o increpava por estas faltas taxava os padres de *malandros* e a missa de *geringonça*. Radicaram-n'o n'este voltairianismo inconsciente as patifarias de um padre que conhecera, ao tempo em que reques-tava a mulher com quem casára, e á qual esse padre ousára fazer no confissionario perguntas indecentes e propostas infames, que a noiva lhe contára por alto enrubecida de vergonha e de indignação.

O Thomé tinha querido logo d'alli ir esfaquear o padre; e foram mesmo precisos todos os rogos e todas as lagrimas da noiva para o padre ficar com as costellas direitas n'aquelle dia. Ficára porém com tal asco ao padre que o não podia ver sem empallidecer, e um dia que o encontrára n'uma das ruas de Ilhavo em occasião em que a rua estava pouco concorrida, aproximára-se d'elle e dissera-lhe a tremer de raiva recalçada:

— Eh! seu padre Antonio! você sabe o que perguntou no confissionario á minha mulher quando ella era ainda minha noiva. Para seu bem e meu peço-lhe que se livre de se encontrar comigo em sitio de geito, porque eu abro-o com uma navalha como quem abre uma cavalla. Lembre-se d'isto, porque eu não quero pagar por bom um maroto como você é.

O padre já não ouvira as ultimas phrases d'este discurso pouco academico; por que tinham bastado as primeiras palavras e sobretudo o gesto do arraes para lhe darem a entender que o melhor era ir andando. Não tinha inclinações para o martyrio este santo.

Em Arada, povoação a 5 kilometros ao norte de Ilhavo, appareceram um dia tres *missionarios* a resgatar as almas da perdição mundana á força de berros, de ineptias, de confissões, de rosarios, de livros de missões e de correias de Santo Agostinho, outros tantos artigos de commercio rendoso, de que o fisco ainda não tomou conta. A fama das virtudes dos missionarios e dos beneficios espirituales das suas confissões correu por todas aquellas povoações com a rapidez d'um terror sagrado. A imaginação popular, a inexgotavel geradora do maravilhoso, creou em volta de cada missionario uma lenda mystica, cheia de docuras espirituales e de promessas de salvação eterna. Aquelles *santinhos* alimentavam-se a pão e agua e dormiam vestidos sobre a terra fria, tendo por cabeceira uma pedra dura.

Um *livre pensador* de Arada averiguou do caso e soube que os *missionarios* dormiam, como certos repletos, em excellentes colchões de folhelho de milho na casa onde estavam hospedados, e que os seus jejuns se limitavam simples: mente e precisamente á abstinencia da agua e do pão duro. O mais comiam tudo, desde o naco de toucinho indigesto até ao mais lourado peito de peru e á mais saborosa perna de vitella mamôna. Beber é que só bebiam vinho... uns santos, coitados. Pelo menos era o que o povo, esta eterna besta mansa, acreditava.

A mulher do arraes, a instancias de um rancho de visinhas, foi ás missões de Arada

n'um dia em que o Thomé tinha ido para a Costa Nova. E, impressionada com a rhetorica apopletica e com a gesticulação luxuriante de um dos missionarios, pediu-lhe uma confissão geral, que, attenta a peregrina formosura da requerente, lhe foi logo concedida.

A mulher do arraes, entre outros peccados de menor tomo, confessou que o marido não ia á missa nem se confessava, e, fulminada de terror sagrado, ouviu o missionario negar-lhe a absolvição por viver em peccado mortal com um impio sem religião nem temor de Deus. A' força de lagrimas e de rogos conseguiu porém que o padre lhe deitasse a absolvição com a promessa formal e solemne de, ou converter o marido á santa religião, obrigando-o a ir á missa e a confessar-se, ou a separar-se d'elle para sempre! Assegura-se aos ingenuos que estes factos, afóra as circumstancias do local, são perfeitamente authenticos. Ha por ahí uns sujeitos que, conscios das proprias necessidades, arvoram a religião em freio e que hão de talvez acoi-mar-me de phantastico e jacobino, dando como falsa e calumniosa a exigencia do missionario. N'este ponto declaro que sou simplesmente verdadeiro.

Mas vamos ao conto.

O leitor dispensa-me da descripção das scenas, ora ridiculas, ora tragicas, mas sempre deploraveis, que se deram d'ahi em diante entre o Thomé Ronca e a mulher. O arraes teve ao principio desconfianças de que a mulher estava doida, e começou a tratá-la com a paciencia com que se trata um doente caprichoso e querido; mas quando a viu apparecer-lhe um dia com os cabellos rapados e averiguou que tinha feito confissão geral aos missionarios atinou logo com a causa da sua desgraça.

Pensou sombriamente no transtorno da sua vida de familia, na perturbação irremediavel do seu futuro, na perda d'aquelle amor de mulher que elle estremecia como um louco, no constante martyrio que o aguardava d'ali em deante e depois de cavar alguns dias, como um taciturno coveiro, n'estas idéas, tomou uma resolução selvagem e brutal. Um dia de manhã disse á mulher que ia para o mar; vestiu-se socegradamente, considerou a mulher um instante com o coração repleto de lagrimas represadas, deu-lhe um beijo rapido, que ella repelliu com um gesto de pejo e de terror e saiu pela porta fóra, mas em lugar de ir para a Costa Nova tomou o caminho de Aveiro. Depois, já proximo de Aveiro, dirigiu-se para Arada, esperou á sahida da igreja o missionario que lhe confessára a mulher e cujo nome averiguára, e ali, deante de toda aquella gente que beijava ao *santo* a fimbria de batina, n'uma explosão de raiva selvagem e de allucinação sanguinaria, deitou-se ao missionario e deu-lhe dezoito facadas no peito, na cara, nos braços, no ventre, por toda a parte onde o encontrou no furor da sua fascinação homicida e até que os circumstantes o poderam desarmar e manietar.

D'ahi a um anno o Thomé Ronca sahiu das



### DAMIANVS A GOES.

*Thucydés gentis enarrat gesta Pelasgæ  
Romanis claret Livius in Decasiv  
Hic, alia vt taceam serâ data scripta senectâ,  
ΑΓΓΙΟΡΩΜΑΛ accepit nomen ab ΗΙΣΤΟΡΙΑ.*

DAMIÃO DE GOES (Fac-símile de uma gravura em cobre de Alberto Durer.)

cadeias da relação do Porto n'uma leva de presos para a Africa, degradado por toda a vida.

A mulher, essa, meia idiota e meia allucinada, pede hoje esmola pelas portas e quando lhe dão dinheiro gasta-o em agua-ardente e depois de embriagada insulta os transeuntes e passa as noites a berrar pelas ruas obscenidades repugnantes.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

**ERRATAS.**—Na primeira parte d'esta narrativa publicada no numero anterior, saíram, alem d'alguns erros de facil emenda, os seguintes que é necessario corrigir.

Página 55, columna 2.<sup>a</sup>, linha 80, onde se lê — d'uma vida desconhecida — deve lêr-se — d'uma vida desconhecida.

Pag. 55, col. 3.<sup>a</sup>, lin. 25, onde se lê — em tom de nota — deve lêr-se — em tom de nota.

Pag. 55, col. 3.<sup>a</sup>, lin. 61, onde se lê — contra vaga enorme, que rebentava — deve lêr-se — outra vaga enorme que rebentaria.

Pag. 56, col. 1.<sup>a</sup>, lin. 45, onde se lê — fronteiro á barra — deve lêr-se — ponteiro á barra.

Pag. 56, col. 1.<sup>a</sup>, lin. 68, onde se lê — amarrò a vela — deve lêr-se — amurou a vela.

### BIBLIOGRAPHIA

**EDUCAÇÃO PHYSICA.** pelo Doutor Augusto Filippe Simões. — Acaba de sair do prelo a 3.<sup>a</sup> edição d'esta obra do douto professor da universidade. Encarece-la hoje que o publico já a julgou e a critica já cabalmente a sancionou, seria talvez pueril. Raros livros de tal ordem se tem escripto no nosso paiz, e mais raros ainda tem logrado a fortuna de receber tão distincto acolhimento como a *Educação Physica*, certamente uma das melhores obras d'ensino e de vul-

garisação scientifica que entre nós se tem escripto, e digna de ser apontada como tal, mesmo lá fóra aonde os trabalhos d'esta natureza se accumulam todos os dias.

Recommendamos pois este livro a todos os que estudam, a todos os que se interessam pelo grande problema da educação, um dos mais importantes do do nosso tempo, apontando a obra do sr. dr. Filippe Simões como uma das mais eruditas e mais sérias que existem escriptas na lingua portugueza.

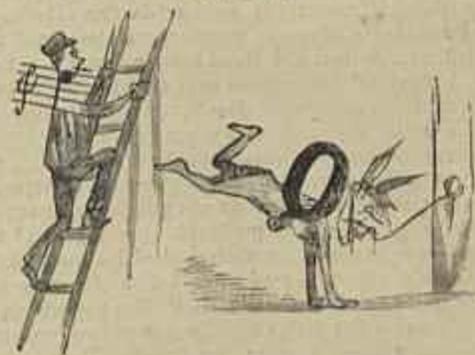
A livraria Pereira, rua Augusta, 132, Lisboa, satisfaz todas as as requisições de volumes.

**O POSITIVISMO.** *Revista de Philosophia dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos.* — Acaba de sair do prelo, editado pela importante casa editora Magalhães & Moniz, do Porto, o 3.<sup>o</sup> fasciculo d'esta interessante *Revista*. Em Portugal haverá talvez pouca gente que a conheça a não ser de nome, pois é sabido quanto dos bons e solidos estudos philosophicos andam arredados os espiritos no nosso paiz. Todavia poucas publicações de mais sereña e mais elevada expressão scientifica se terão emprehendido entre nós. Da sua moderna e firme orientação é penhor cabal o nome dos directores que assignalam as paginas d'esta *Revista* por estudos verdadeiramente notaveis, conseguindo reunir n'este modesto mas elevado cenaculo alguns dos mais notaveis d'entre os nossos pensadores modernos, entre os quaes Alexandre da Conceição, certamente uma das mais bellas intelligencias e sobretudo um dos mais raros e mais solidos stylistas da litteratura portugueza contemporanea. Emfim o *Positivismo* conta entre os seus collaboradores, o proprio Littré, o maior, o mais digno pensador da França: seria isto o sufficiente para impôr esta publicação ao respeito e á estima scientifica de todos os trabalhadores

modernos que se interessam pelos progressos philosophicos e moraes do nosso tempo, se nos bastasse a seriedade e os creditos scientificos dos seus directores e da casa editora que publica tão excellente *Revista*.

**BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.** — Recebemos o n.<sup>o</sup> 1 d'esta interessante publicação, que vem de alguma maneira preencher uma lacuna da nossa litteratura. Desejamos-lhe toda a protecção e favor publico. É publicado na Louzã.

### ENIGMA



Explicação do enigma do n.<sup>o</sup> antecedente:

Filho de peixe sabe nadar.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6